UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JOÃO PAULO MARTINS MIKA

PERCEPÇÃO DE ALUNAS SOBRE A INCLUSÃO DO FUTSAL ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS GRUPOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO BENTO MOSSURUNGA

PONTA GROSSA

2026

JOÃO PAULO MARTINS MIKA

PERCEPÇÃO DE ALUNAS SOBRE A INCLUSÃO DO FUTSAL ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS GRUPOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO BENTO MOSSURUNGA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa

Orientadora: Profa. Dra. Erica Fernanda de Paula Visbiski

PONTA GROSSA

2026

JOÃO PAULO MARTINS MIKA

PERCEPÇÃO DE ALUNAS SOBRE A INCLUSÃO DO FUTSAL ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS GRUPOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO BENTO MOSSURUNGA

Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, 26 de outubro de 2026.

_____

Profa. Dra. – Erica Fernanda de Paula Visbiski

Universidade Estadual de Ponta grossa

_____

Profa. Dra – Maria Thereza Oliveira Souza

Universidade Estadual de Ponta Grossa

_____

Profa. Dra. – Luiza Herminia Gallo

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Em memória de Paulo Sérgio Mika, meu Pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora por ter me aceito como orientando, desde o 1°,2° e 3° ano vêm me aconselhando e ensinando, e se mostrou uma das melhores professoras dessa universidade. Ensinando com amor, dedicação e com um ótimo senso de humor, não poderia escolher outra pessoa que admirasse mais para me orientar em um trabalho tão importante.

À UEPG por ter aberto às portas para o ensino superior, onde conheci pessoas que quero que continuem na minha por muito tempo e principalmente por ter encontrado minha vocação na educação física, onde posso ajudar a mudar vidas através do movimento.

Ao meu pai, Paulo Sérgio Mika e minha mãe, Nilce Martins Mika, por sempre terem me apoiado e incentivado aos estudos. Talvez seja de mãe para filho, o gostar de ensinar, da paciência e amor para dar e vender aos nossos alunos. Também penso que a cobrança e o pulso firme com eles, veio do meu pai, pois, também não dura muito tempo e logo já abro um sorriso, tal qual ele fazia. Obrigado por serem meu alicerce que nem um tornado derrubaria, vocês me mostraram que conversa, paciência e amor sustentam tudo.

Á minha família, por estarem sempre comigo em momentos que eu precisei tanto, mostrando que o amor que temos um pelo outro, não precisa estar todos os dias juntos, mas sim, quando mais se precisa

Aos meus amigos, por terem sido tão importantes nessa fase, onde me lembraram de coisas que eu nem sabia que poderia fazer na faculdade e terem crescido junto à mim, se desenvolver profissionalmente ao lado de vocês foi um prazer, tenho orgulho e respeito por todos vocês. O Fortune Vive.

A minha amada Carla Eloisa Camargo, sem você eu não seria o que sou hoje. Você é e foi fundamental para que eu tenha chegado nessa fase da faculdade, te considero graduada em educação física também, por ter me ajudado tanto, eu te amo muito. Com seu amor, carinho, apoio e incentivo, você me mostrou que o companheirismo e a paixão, podem ultrapassar barreiras da universidade e de tudo que ainda vamos fazer nessa vida. É só a primeira conquista das nossas vidas juntas, você me orgulha cada vez mais, eu te amo.

RESUMO

MIKA, João Paulo Martins. *Percepção de alunas sobre a inclusão do Futsal Escolar: um estudo comparativo entre dois grupos do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga*. Ponta Grossa: Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, 2026. Trabalho de Conclusão de Curso**. –** Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2026.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de alunas dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sua participação no futsal escolar, considerando suas experiências, interesses, oportunidades de participação e fatores relacionados à continuidade ou ao afastamento da prática. O estudo foi realizado na Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, em Ponta Grossa–PR, com 67 alunas do 6º ao 9º ano. Caracterizou-se como uma pesquisa aplicada, de abordagem quali-quantitativa, cujos dados foram coletados por meio de um questionário com 14 questões, sendo cinco abertas e nove fechadas, elaborado no Google Forms e aplicado durante as aulas de Educação Física. Para a análise, as participantes foram organizadas em dois grupos: 6º/7º ano e 8º/9º ano. Os resultados indicaram diferenças entre os grupos quanto à preferência esportiva, às experiências com o futsal, ao incentivo escolar e à influência dos colegas. Também foram identificados relatos de exclusão, preconceito e desmotivação, especialmente no 7º ano, enquanto o Grupo II apresentou percepções mais positivas em alguns aspectos. Conclui-se que a participação feminina no futsal escolar é influenciada não apenas pelo interesse individual das alunas, mas também pelas experiências vivenciadas, pelas oportunidades de participação e pelas condições de incentivo e inclusão oferecidas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Futsal escolar; Participação feminina; Inclusão; Gênero; Educação Física.

ABSTRACT

MIKA, João Paulo Martins. Female students' perceptions regarding the inclusion of school futsal: a comparative study of students across the Upper Elementary and Middle School years at Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga. Ponta Grossa: Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, 2026. Course Completion Work. – State University of Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2026.

This research aimed to analyze the perceptions of female students in the final years of elementary school regarding their participation in school futsal, taking into account their experiences, interests, opportunities for participation, and factors related to either continuing or withdrawing from the activity. The study was conducted at the Maestro Bento Mossurunga State School in Ponta Grossa, Paraná, involving 67 female students from the 6th to the 9th grade. It was an applied study using a qualitative-quantitative approach; data were collected via a 14-question survey—consisting of five open-ended and nine closed-ended questions—created using Google Forms and administered during physical education classes. For the analysis, participants were divided into two groups: 6th/7th grade and 8th/9th grade. The results revealed differences between the groups regarding sports preferences, experiences with futsal, encouragement from the school, and the influence of peers. Instances of exclusion, prejudice, and a lack of motivation were also reported, particularly among 7th-grade students, whereas the second group (8th/9th grade) expressed more positive perceptions in certain areas. It is concluded that female participation in school futsal is influenced not only by the students' individual interests but also by their past experiences, the opportunities available for participation, and the level of encouragement and inclusion fostered within the school environment.

Keywords: School futsal; Female participation; Inclusion; Gender; Physical Education.

SUMÁRIO

1 Error! Bookmark not defined.

1.1 Error! Bookmark not defined.

1.2 Error! Bookmark not defined.

1.3 Error! Bookmark not defined.

1.4 Error! Bookmark not defined.

2 Error! Bookmark not defined.

2.1 Error! Bookmark not defined.

2.1.1 Error! Bookmark not defined.

2.2 Error! Bookmark not defined.

3 Error! Bookmark not defined.

4 Error! Bookmark not defined.

4.1 Error! Bookmark not defined.

4.2 Error! Bookmark not defined.

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular foi criada com base na padronização da educação no Brasil, juntando um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da sua jornada escolar. E entre esse conjunto de aprendizagens fundamentais, está a educação física, inserida na área de linguagens, com língua portuguesa, artes e língua estrangeira. (Brasil, 2018)

Dentro deste conjunto de aprendizagens, onde cada matéria tem seu eixo, que são práticas corporais tematizadas ao longo do ensino fundamental, o futsal se enquadra no eixo temático de esportes, classificado como um esporte de invasão, Brasil (2018) define como conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários.

O futsal foi inicialmente praticado no Brasil, por volta de 1930. Mas teve sua regulamentação na Associação Cristã de Moços – ACM, em Montevidéu, no Uruguai. Criado pelo professor Juan Carlos Ceriani em meados de 1933 redigindo suas primeiras regras baseando em outras modalidades como: futebol, basquete e handebol. (Sampedro, 1997)

Historicamente, o futsal possui uma relação estreita com o futebol, uma vez que seu desenvolvimento esteve associado à necessidade de adaptar a prática do futebol a espaços menores, especialmente ambientes fechados. Essa adaptação possibilitou a realização de jogos com um número reduzido de participantes e contribuiu para que a modalidade se difundisse em diferentes espaços sociais, incluindo escolas, clubes e espaços de lazer. Entretanto, com o passar do tempo, o futsal deixou de ser compreendido apenas como uma adaptação do futebol e passou a desenvolver características próprias, como regras específicas, organização tática, dinâmica de jogo e competições, consolidando-se como uma modalidade esportiva autônoma (Medeiros, 2019).

Dentro da escola, segundo Oliani e Navarro o futsal permeia benefícios não óbvios devido a prática, lateralidade do aluno, utilização de pequenos e grandes grupos musculares, coordenação óculo-pedal. Segundo Cunha (2014) o futsal se torna uma ferramenta fundamental para os professores de educação física e permite

a exploração de diversas vivências, as quais, são necessárias para o desenvolvimento integral do aluno, não enfatizando o rendimento do aluo. Nesse sentido, as vivências proporcionadas pelo futsal no ambiente escolar não se limitam ao desenvolvimento das habilidades motoras, como correr, chutar, passar e conduzir a bola, mas também envolvem aspectos sociais, cognitivos e emocionais. Por meio da prática, os alunos têm a oportunidade de desenvolver a cooperação, o trabalho em equipe, o respeito às diferenças, a tomada de decisões, a autonomia e a competição. Dessa forma, o futsal pode contribuir para a formação integral dos estudantes, proporcionando experiências que vão além da aprendizagem técnica e da busca pelo rendimento esportivo.

Dentro da escola, por mais que haja uma boa aceitação dos alunos pelo futsal, quando envolve o gênero feminino, ainda há um certo preconceito, e mesmo gostando de jogar, as que gostam da prática, sofrem com barreiras que a sociedade impõe, seja amigos, família ou a própria instituição de ensino. (Andrade, 2015)

Nesse contexto, o presente estuda busca analisar a percepção de alunas dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sua participação no futsal escolar, considerando suas experiências, interesses, oportunidades de participação e fatores relacionados à continuidade ou ao afastamento da prática.

1.1 JUSTIFICATIVA

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tem como objetivo contribuir para a formação de professores em nível superior e para a melhoria da educação básica pública brasileira. Nesse contexto, o autor desta pesquisa, foi um participante do programa entre 2024 e 2026, sendo inserido na Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, onde pôde vivenciar a realidade escolar e estabelecer relações entre os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica e as situações encontradas no cotidiano da escola. (Brasil, 2024)

Dessa forma, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender, a partir da perspectiva das próprias estudantes, como essas experiências se apresentam ao longo do Ensino Fundamental II e quais fatores podem estar relacionados à aproximação ou ao afastamento das alunas em relação ao futsal escolar.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como as alunas dos anos finais do Ensino Fundamental percebem sua participação no futsal escolar e de que maneira essa percepção se modifica ao longo dos anos escolares, considerando suas experiências, o interesse pela modalidade, as oportunidades de participação e os fatores que podem influenciar a continuidade ou o afastamento da prática?

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção de alunas dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sua participação no futsal escolar, considerando suas experiências, interesses, oportunidades de participação e fatores relacionados à continuidade ou ao afastamento da prática.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar as preferências das estudantes em relação ao futsal e a outras modalidades esportivas;

Comparar as percepções das estudantes do 6º e 7º anos com as das estudantes do 8º e 9º anos.

2 ESPORTE E O FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O papel do esporte na educação física escolar vai muito além de um componente curricular na BNCC, caracterizado como uma unidade temática a ser trabalhada dentro da educação física, atendendo critérios de cooperação e de desempenho motor, sendo dividida em diferentes categorias de esportes, com recursos motores, regras e vivências diferentes. Ao adentrar nas classificações do esporte, o de invasão se destaca por ser o mais famoso dentre as classes, pois se popularizou junto do futebol, basquete, handebol, onde têm similaridades nesse sentido de invadir o campo adversário para conseguir marcar o ponto, dessa forma, a adaptação do futebol dentro da escola se tornou o futsal, uma amostra da

emancipação do futebol, se mostrando ser um esporte de invasão bastante popular dentro da educação física escolar. (Brasil, 2018).

Ao identificar os esportes, e prioritariamente o futsal, como elementos frequentemente procurados dentro da educação física escolar, Leite (2010), observa-se que o esporte na escola passou a assumir princípios próprios da instituição esportiva, atribuindo maior valor à competição, à concorrência e ao rendimento. Ao incorporar esses princípios, a escola passou a ocupar um papel importante na formação esportiva, aproximando-se da lógica da instituição esportiva e de sua valorização do desempenho. Não se pretende, nesse sentido, desvalorizar o papel da competição nas aulas de educação física, uma vez que ela pode contribuir para o envolvimento, a motivação e a superação dos alunos. Entretanto, o problema está nos excessos que podem decorrer dessa lógica, principalmente quando o rendimento passa a ser priorizado em detrimento da participação. Betti (1991, p. 53) problematiza justamente essa incorporação dos valores esportivos no ambiente escolar, especialmente quando a competição e o rendimento passam a orientar as práticas pedagógicas. Nesse sentido, pode ser gerado um processo de exclusão daqueles/as que não conseguem se equiparar às padronizações de desempenho estabelecidas, como os alunos considerados menos habilidosos, com menor estatura ou velocidade, que acabam tendo sua participação reduzida ou até mesmo sendo excluídos das atividades.

A partir dessa relação entre competição, rendimento e participação, torna-se necessário compreender de que maneira a competitividade pode ser trabalhada no ambiente escolar. Entretanto, Kunz (2001) problematiza a valorização excessiva do rendimento e da competição no ambiente escolar, defendendo que o esporte seja desenvolvido de forma a respeitar as possibilidades e limitações dos alunos, sem submetê-los à obrigação de alcançar padrões de desempenho que ultrapassem suas capacidades. Dessa forma, a competição não precisa ser eliminada das aulas de educação física, mas pode ser ressignificada para que não se transforme em um mecanismo de seleção e exclusão daqueles que apresentam menor rendimento esportivo. Essa discussão torna-se ainda mais relevante quando relacionada à participação das meninas no futsal, uma vez que a exclusão esportiva não ocorre somente em função das diferenças de habilidade ou rendimento, mas também pode estar relacionada a aspectos sociais e culturais que historicamente associam

determinadas modalidades esportivas ao universo masculino. Assim, compreender a participação feminina no futsal escolar exige considerar como a competitividade, as relações entre meninos e meninas e as oportunidades de participação oferecidas pela escola podem influenciar as experiências e a permanência das alunas nessa modalidade.

2.1 GÊNERO E SOCIALIZAÇÃO

Essa diferença nas oportunidades de participação não se inicia necessariamente no ambiente escolar, podendo ser construída desde a infância por meio das experiências e dos estímulos direcionados a meninos e meninas, complementando essa ideia, de acordo com Haertel (2013), os meninos, desde o começo da vida, são incentivados ao futsal, o primeiro brinquedo é uma bola de futebol, em cima disso já vêm toda uma expectativa de dar os primeiros chutes na bola. Essas diferenças construídas desde a infância também se refletem no próprio espaço escolar, com as meninas é diferente, ao contrário dos chutes, é esperado a delicadeza e cuidado na maneira de vestir-se, ganhando bonecas ao invés de bola, juntamente disso, vem o estimulo dos bons modos e a não se sujar. Altmann (1998) fala sobre a separação de meninas e meninos nas aulas de educação física, e acredita que ao juntá-los, se oferece a oportunidade da vivência de atividades de forma cooperativa, separar meninos e meninas nas aulas é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas. Nesse ambiente escolar, essas diferenças podem se manifestar nas primeiras experiências das meninas com o futsal. Rizzo, Nascimento e Zaim-de-Melo (2021) afirmam que ao trabalhar com o futsal na escola, se torna uma das primeiras experiências femininas com o esporte, ao contrário dos meninos, que desde crianças são incentivados a jogarem, na rua, em casa e na escola. Segundo Saraiva (2005) essas configurações denotam os hábitos corporais masculinos e femininos e vão, ao longo do tempo, transformando os sexos distintos em termos motores, em que os resultados são meninos mais habilidosos com movimentos agressivos e esforço muscular maior em relação às meninas, quase sempre mais quietas e comportadas, fato comum no cotidiano das famílias e nas escolas

Ao investigar questões históricas, culturais e sociais, Goellner (2003) afirma que as justificativas biológicas não explicam mais as obrigações femininas de não

participar de atividades envolvendo o futsal, e que o esporte ultrapassa conceitos culturais de masculino e feminino, transpondo barreiras impostas pela sociedade. Sabo (2002, p 34) implica culturalmente o "ser homem" e "ser mulher" onde um se tem mais vantagens de vivências que outro, onde o esporte valoriza ser homem e desvaloriza ser mulher. A participação das mulheres no esporte também deve ser compreendida a partir das relações de gênero construídas historicamente na sociedade, conversando com a ideia de onde os dois gêneros aceitam que mulheres são mais "fracas e delicadas" de Tenroller, (2009).

O sexo feminino historicamente, teve um papel de submissão ao homem, sempre estando em submissão à sociedade patriarcal. Saraiva (2005) diz que desde o século XVIII a mulher tende a mudar sua função social perante a modificação da sociedade, trabalhando na agricultura e serviço braçal, posteriormente virando a dona da casa e tendo trabalhos reprodutores enquanto o homem saia de casa para trabalhar, se tornando a “mulher burguesa”. Segundo a autora, a criança enxergava o pai tomando as decisões em casa, e a mãe sendo a dona de casa, transforma essa visão, de geração para geração, acreditando que era o normal.

2.1.1Contexto Histórico

Essas construções históricas também se manifestaram diretamente no campo esportivo, especialmente nas restrições impostas à participação das mulheres em determinadas modalidades. Nesse sentido, o futebol feminino dentro do Brasil também sofreu retaliações sociais e culturais e nesse caso, políticas, onde foi proibido oficialmente entre 1941 e 1983, período em que as mulheres foram impedidas de praticar a modalidade por ser considerada incompatível com sua "natureza". Essa proibição foi sustentada por discursos que associavam a prática esportiva à perda da feminilidade e a possíveis prejuízos à saúde e à maternidade. Segundo Westin (2023), essa medida reforçou a desigualdade de gênero no esporte e dificultou o desenvolvimento da modalidade por décadas. Embora o futebol feminino tenha sido regulamentado em 1983, os reflexos desse período ainda podem ser observados na falta de investimentos, na baixa visibilidade e na persistência de preconceitos contra as mulheres no futebol. Goellner (2013) destaca que a presença feminina no esporte foi marcada por diferentes formas de incentivo, resistência e desigualdade,

evidenciando que as oportunidades de participação não foram distribuídas de maneira igual entre homens e mulheres.

Os efeitos dessas construções históricas podem ser compreendidos também a partir das formas como meninos e meninas são socializados e têm seus comportamentos valorizados ou desencorajado. Diante deste cenário, Souza Junior (2004) discute sobre o tratamento cultural que constrói as histórias de vida destas meninas e meninos oferecendo-lhes recompensas ou punições de acordo com seus comportamentos, tomando por referência padrões construídos, aceitos e prestigiados socialmente. Existindo a diferença de gêneros durante a prática do futsal, isso ocorre principalmente pelo fato de os meninos considerarem as meninas “menos habilidosas”. Essas diferenças são vistas principalmente quando os meninos não aceitam que meninas sejam inseridas em seus times, por receio de perder as partidas, e por considerar a falta de conhecimento no esporte. (Pereira et al., 2024)

Esses padrões sociais também se expressam no contexto escolar e esportivo, especialmente na forma como os espaços e as práticas de futsal são ocupados por meninos e meninas. Em um contexto de uma hierarquização masculina perante o futsal, segundo Joras e Jaeger (2013) o futsal ainda é visto como um campo hegemonicamente masculino, junto á isso, Malvar; Souza Junior (2021) , complementam que há algum tempo, a ocupação dos espaços escolares no intervalo (recreio) e horários livres é unicamente dos meninos, de forma hegemônica, que só é interrompida quando, eventualmente, surgem meninas que se rebelam contra esse quadro, tendo em vista ser essa uma modalidade esportiva criada, pensada e praticada majoritariamente por homens. Essa pirâmide, escala diretamente na participação feminina durante a prática de futsal, Freitas e Monteiro (2021) refletem a questão da competição exacerbada condutora do processo de seleção dos alunos mais habilidosos por conta da performance esportiva em detrimento dos menos habilidosos, mexendo diretamente com a participação feminina onde por questões de gênero, são pouco oportunizadas pelos meninos durante a prática.

Esse contexto faz com que muitas meninas tenham menos oportunidades de vivenciar o futsal ao longo de sua trajetória escolar, reduzindo o contato com a modalidade e limitando o desenvolvimento de habilidades e da confiança durante as aulas. Como consequência, essas experiências desiguais tendem a influenciar a

forma como as estudantes percebem o futsal, afetando seu interesse, sua participação e a construção de significados em relação à prática esportiva.

2.2 EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÕES SOBRE FUTSAL

As experiências corporais vivenciadas pelos estudantes ao longo da infância e da adolescência influenciam diretamente a forma como atribuem significado às práticas esportivas. Segundo Kunz (2006), o esporte escolar deve ser compreendido para além da execução técnica dos movimentos, considerando também as experiências, interpretações e significados construídos pelos participantes durante sua trajetória. Nesse sentido, a maior familiaridade das alunas com determinadas modalidades pode contribuir para uma participação mais ativa e segura. Além disso, Altmann (2011) destaca que as relações de gênero presentes na educação física escolar influenciam as oportunidades de participação e os significados atribuídos às práticas corporais, contribuindo para que determinadas modalidades sejam historicamente associadas a meninos ou meninas. Dessa forma, a maior adesão feminina ao voleibol em comparação ao futsal pode estar relacionada tanto às experiências corporais acumuladas pelas estudantes quanto às representações sociais construídas em torno dessas modalidades, influenciando suas percepções e escolhas esportivas no ambiente escolar. A adolescência é marcada por mudanças físicas, psicológicas e até de identidade, ao comparar idades do fundamental II, mostra que a mudança vivida por meninos e meninas é influenciada por experiências vividas dentro e fora do contexto escolar (Erikson, 1976).

Considerando essas mudanças ao longo da adolescência, torna-se pertinente observar que as estudantes do início e do final do Ensino Fundamental II também possuem diferentes tempos de experiência escolar. Além das diferenças relacionadas à idade, as alunas mais velhas acumularam mais experiências nas aulas de educação física, nas práticas esportivas e nas interações sociais estabelecidas no ambiente escolar. Conforme destacam Campolina e Oliveira (2009), a escola constitui um espaço importante de socialização e desenvolvimento, no qual as experiências vividas contribuem para a formação das identidades e das relações sociais dos estudantes. Ao entender a visão feminina dentro da sua própria prática, se tornando protagonista da aula, que conforme destaca Goellner (2005), o esporte foi constituído como um

espaço predominantemente masculino, o que contribuiu para a produção de desigualdades e para a menor visibilidade da participação feminina, com isso, é entendido que quanto mais o espaço feminino é retirado das aulas de futsal na educação física, mais a percepção da menina sobre o esporte se torna masculino ao considerar o esporte um ambiente totalmente masculinizado. Nesse contexto, ouvir as próprias alunas possibilita identificar aspectos que não seriam plenamente compreendidos apenas pela observação externa, como sentimentos de pertencimento, inclusão, exclusão, motivação ou insegurança relacionados ao futsal.

Por essa razão, compreender a participação feminina no futsal exige considerar não apenas a presença das estudantes nas aulas, mas também os significados atribuídos por elas às experiências vivenciadas, como argumenta Minayo (2014), os sujeitos atribuem significados particulares às suas experiências, e compreender esses significados é essencial para a análise da realidade investigada. Dessa forma, conhecer a perspectiva das estudantes torna-se fundamental para compreender como elas constroem sua relação com o futsal escolar e como as experiências vividas nesse contexto influenciam sua participação na modalidade, diante desse contexto, este estudo têm o objetivo de: Analisar a percepção de alunas dos anos finais do Ensino Fundamental sobre a participação feminina no futsal escolar

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, localizado no município de Ponta Grossa – PR. Se caracterizou como de abordagem quali-quantitativa. Segundo Creswell (2010), esse tipo de abordagem possibilita compreender as percepções das participantes por meio de questões abertas, ao mesmo tempo em que permite a análise de dados quantitativos obtidos por questões fechadas, favorecendo a comparação entre os diferentes anos do Ensino Fundamental II.

A escolha da instituição como campo de pesquisa ocorreu em razão da inserção do pesquisador no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido nesta escola. A participação no programa possibilitou um contato com o ambiente escolar, favorecendo a aproximação com a comunidade escolar e o conhecimento da rotina e das práticas desenvolvidas na instituição. Dessa

forma, a escolha da escola esteve relacionada tanto à acessibilidade ao campo de pesquisa quanto à experiência previamente estabelecida pelo pesquisador por meio do PIBID, contribuindo para a realização da investigação junto às alunas participantes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi realizada por meio de levantamento de dados utilizando um questionário e contou também com pesquisa bibliográfica. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador estabelecer contato direto com a produção escrita relacionada ao tema investigado, subsidiando a fundamentação teórica do estudo. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender significados, percepções, crenças e valores dos participantes, permitindo interpretar fenômenos sociais que não podem ser compreendidos apenas por dados numéricos.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário elaborado pelos próprios autores através da plataforma Google Forms, composto por 14 questões, sendo cinco abertas e nove fechadas. De acordo com Gil (2008), o questionário é uma técnica de investigação constituída por um conjunto de questões que possibilita obter informações sobre opiniões, crenças, interesses e comportamentos dos indivíduos pesquisados. As perguntas abordaram o interesse das alunas pelo futsal, as experiências anteriores com a modalidade, a percepção sobre a participação feminina no esporte, os fatores que incentivam ou dificultam sua prática e a preferência por outras modalidades esportivas. Segundo Marconi e Lakatos (2021) o questionário também é uma forma de padronizar respostas, garantindo um maior número de respostas de forma organizada. A aplicação do questionário se deu nas aulas de educação física, onde as meninas participantes responderam o questionário na sala de informática, nos computadores da escola.

Os sujeitos da pesquisa foram as alunas do 6º, 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, com idade aproximada entre 11 e 15 anos. Foram entregues 88 papéis de autorização para a pesquisa, tendo 67 devoluções de participantes para a pesquisa, sendo 17 do 6º ano, 16 do 7º ano, 10 do 8º ano e 24 do 9º ano. Foram excluídas da pesquisa estudantes de outras turmas e aquelas que não estiveram presentes nos dias de aplicação do questionário ou que não entregaram o termo de consentimento, garantindo coerência metodológica e respeito aos critérios estabelecidos para o estudo. A pesquisa foi realizada de forma anônima, preservando a identidade das participantes. A pesquisa respeitou os princípios éticos

previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Por se tratar de menores de idade, a participação ocorreu somente mediante autorização dos responsáveis legais por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelas próprias estudantes, garantindo que estivessem informadas sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e concordassem voluntariamente em participar. (Brasil, 2016)

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de junho e julho de 2026. Esse recorte temporal justificou-se por corresponder ao período em que o pesquisador esteve inserido na instituição de ensino, possibilitando acompanhar de forma contínua o contexto das aulas e realizar a coleta de dados.

As respostas das questões abertas foram submetidas à análise por categorização temática, buscando identificar padrões de percepção relacionados à participação feminina no futsal escolar. Esse procedimento foi fundamentado na proposta de análise temática de dados qualitativos apresentada por Dias e Mishima (2023).

O questionário foi aplicado às alunas dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, com o objetivo de comparar as respostas entre dois grupos distintos: 6º e 7º anos sendo o grupo I e o grupo II sendo 8º e 9º anos. Essa divisão foi estabelecida por representar diferentes etapas da adolescência e da vivência escolar, permitindo identificar possíveis diferenças relacionadas à idade, às experiências escolares e ao tempo de contato com as aulas de educação física, bem como verificar se esses fatores influenciam as percepções, o interesse e a participação das estudantes no futsal escolar. Outro aspecto importante a ser considerado é que os grupos participantes da pesquisa tiveram aulas de educação física com professores diferentes. O Grupo I, composto por alunas do 6º e 7º anos, teve aulas com um professor, enquanto o Grupo II, formado por alunas do 8º e 9º anos, teve aulas com outro professor. Essa informação é relevante para a compreensão dos resultados, uma vez que as experiências das estudantes com o futsal escolar também podem estar relacionadas às diferentes práticas e abordagens pedagógicas adotadas pelos docentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A distribuição das 67 alunas que participaram da pesquisa, 24 pertenciam ao 9º ano, representando a maior participação entre as turmas (35,8% do total). O 6º ano contou com 17 alunas (25,4%), enquanto o 7º ano apresentou 16 participantes (23,9%). Já o 8º ano foi composto por 10 alunas (14,9%), sendo a turma com menor número de participantes. Dessa forma, observa-se uma maior concentração de participantes no 9º ano, com uma diferença de 7 alunas em relação ao 6º ano, 8 em relação ao 7º ano e 14 em relação ao 8º ano, enquanto os demais anos apresentaram uma distribuição relativamente próxima entre si.

Inicialmente, buscou-se compreender a relação das alunas com o futsal para além do ambiente escolar, investigando se a modalidade faz parte de suas vivências fora da escola e como essas experiências influenciam sua participação nas aulas de educação física. Além disso, foram analisados aspectos relacionados à preferência por outras modalidades esportivas, juntamente, com a vontade espontânea de escolher jogar futsal na escola, discutindo a frequência que gostaria de participar e também às experiências anteriores com o futsal e às percepções sobre a satisfação das estudantes sobre sua prática no contexto escolar.

Outro aspecto investigado refere-se aos primeiros contatos das alunas com o futsal, buscando identificar possíveis influências do ambiente familiar em sua aproximação com a modalidade. Também foram analisadas as percepções das estudantes acerca do incentivo promovido pelo professor e pela escola à participação de meninas e meninos nas aulas de educação física. Além disso, a pesquisa buscou compreender como fatores relacionados à competição e à convivência entre os estudantes influenciam o interesse e a participação das alunas no futsal escolar.

Embora o questionário tenha sido respondido exclusivamente por meninas, as respostas evidenciaram que a atuação dos colegas do sexo masculino constitui um elemento central para compreender a participação feminina no futsal escolar. Questões relacionadas às oportunidades de participação, à convivência durante as aulas e às atitudes dos meninos surgiram de forma recorrente, permitindo identificar fatores que contribuem para a desigualdade de oportunidades e para a preferência por outras modalidades entre as participantes.

4.1 ANÁLISE DO GRUPO I

A partir da aplicação do questionário com as estudantes do Grupo I, composto por meninas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, foi possível identificar diferenças importantes na relação das participantes com o futsal fora da escola. De modo geral, no 7º ano, 9 das 16 estudantes (56,3%) responderam ‘Nunca’, enquanto no 6º ano foram 2 das 17 (11,8%), uma diferença de 44,5 pontos percentuais. No 6º ano, 10 das 17 estudantes (58,8%) responderam “Nunca” ou “Raramente”, enquanto no 7º ano foram 13 das 16 estudantes (81,3%). No que diz respeito ao qual esporte é preterido essa característica ficou ainda mais evidente entre as estudantes do 7º ano, que apresentaram uma porcentagem elevada de participantes que nunca haviam praticado a modalidade, sendo no 7º ano, 9 das 16 estudantes (56,3%) responderam “Nunca”, enquanto no 6º ano foram 2 das 17 (11,8%), uma diferença de 44,5 pontos percentuais. Em contrapartida, no 6º ano, 7 das 17 alunas (41,2%) escolheram o futsal, enquanto 6 (35,3%) escolheram o voleibol, uma diferença de apenas 1 estudante, ou 5,9 pontos. No 7º ano, 8 das 16 estudantes (50%) escolheram o voleibol, enquanto apenas 1 (6,3%) indicou o futsal, representando uma diferença de 7 estudantes, ou 43,7 pontos percentuais.

Essa diferença também foi observada quando as estudantes foram questionadas sobre o sentimento em relação à prática do futsal dentro da escola, seja durante as aulas de educação física ou nos momentos de intervalo. As estudantes do 6º ano apresentaram, de maneira geral, uma percepção mais positiva da prática, enquanto as do 7º ano demonstraram maior concentração de respostas negativas e regulares, sendo no 6º ano, 16 das 17 estudantes (94,1%) avaliaram a prática como “Bom” ou “Ótimo”, sendo 9 (52,9%) em “Ótimo” e 7 (41,2%) em “Bom”. Já no 7º ano, apenas 5 das 16 estudantes (31,3%) apresentaram avaliações positivas, enquanto 11 (68,8%) responderam “Regular”, “Ruim” ou “Muito Ruim”. Esses resultados podem estar relacionados às experiências anteriores das estudantes com determinadas práticas corporais, uma vez que a ausência de oportunidades de vivência pode dificultar a aproximação e o interesse por determinadas modalidades. Souza e Santos (2026) destacam que “muitas meninas não são apresentadas ou incentivadas a participar de determinadas práticas corporais, o que pode contribuir para uma menor familiaridade e, consequentemente, para seu afastamento dessas atividades”.

Em relação ao primeiro contato com o futsal, as respostas demonstraram que a escola e a família foram os principais espaços responsáveis pela aproximação das estudantes com a modalidade, sendo essa característica semelhante entre o 6º e o 7º ano. Nos relatos sobre o primeiro contato com o futsal, as experiências positivas foram mais frequentes entre as estudantes do 6º ano, enquanto os relatos das estudantes do 7º ano apresentaram maior presença de experiências negativas. Essa diferença qualitativa foi observada nas respostas abertas e deve ser interpretada em conjunto com os demais resultados do questionário.

A presença da família como um dos primeiros espaços de contato com o futsal também merece destaque. Zavatto Junior e Vasconcelos (2022) explicam que o engajamento e o apoio positivo da família podem favorecer o protagonismo feminino nas aulas de educação física, contribuindo para maior envolvimento e autoconfiança das meninas na participação das atividades. Além disso, esse apoio auxilia na construção de uma identidade social relacionada à cultura de movimento. Em contrapartida, Souza e Santos (2026) apontam que famílias que reforçam estereótipos de gênero e não incentivam a prática esportiva por meninas podem contribuir para sua exclusão do futebol e para a manutenção das desigualdades de gênero. As autoras também destacam que a falta de apoio familiar, associada à valorização de atividades consideradas socialmente mais "femininas", contribui para a construção de um imaginário que limita as possibilidades de vivências corporais das meninas e restringe seu acesso ao universo esportivo.

Ao abordar as relações de gênero presentes nas aulas de educação física, observou-se que tanto as estudantes do 6º quanto as do 7º ano apresentaram maior tendência a discordar da prática conjunta com os meninos, no 6º ano, 8 das 17 estudantes (47,1%) discordaram ou discordaram totalmente da afirmação de que se sentem bem jogando com os meninos, enquanto 3 (17,6%) concordaram ou concordaram totalmente. No 7º ano, 11 das 16 estudantes (68,8%) apresentaram respostas negativas, enquanto apenas 1 (6,3%) apresentou resposta positiva. Esses resultados podem estar relacionados às experiências vivenciadas pelas meninas durante as aulas e à maneira como as atividades mistas são organizadas.

Jesus e Devide (2006) apontam que, mesmo em turmas consideradas mistas, professores podem adotar práticas que acabam separando meninos e meninas durante determinadas atividades, reforçando diferenças relacionadas ao gênero. Para

os autores, a coeducação não consiste apenas em colocar meninos e meninas no mesmo espaço, mas em possibilitar a participação conjunta e a problematização das relações de gênero presentes nas práticas corporais. Dessa forma, a resistência apresentada pelas estudantes em relação à prática conjunta com os meninos pode indicar a existência de experiências anteriores que não favoreceram uma participação igualitária, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam maior interação, respeito e participação entre os gêneros.

Essa questão também é evidenciada por Oliveira, Ricci e Marques (2022), que identificaram resistência e dificuldades enfrentadas por meninas durante a prática mista do futsal. Segundo os autores, mesmo quando as meninas apresentam bom desempenho, ainda podem encontrar dificuldades para romper com a ideia de superioridade masculina presente na modalidade. Essa realidade demonstra que as relações estabelecidas durante o jogo não estão relacionadas apenas à capacidade técnica das participantes, mas também a construções sociais que atribuem aos meninos maior legitimidade e domínio sobre determinadas práticas esportivas.

Em relação à participação em competições, no 6º ano, 5 das 17 estudantes (29,4%) relataram já ter participado de competições, enquanto 12 (70,6%) afirmaram nunca ter participado. No 7º ano, apenas 1 das 16 estudantes (6,3%) relatou experiência competitiva, enquanto 15 (93,8%) responderam que não haviam participado. Entretanto, entre aquelas que tiveram essa experiência, os relatos foram predominantemente positivos, sendo a prática caracterizada como divertida e prazerosa. Esse resultado permite compreender que a competição pode representar uma possibilidade de aproximação das estudantes com a modalidade quando ocorre em um ambiente positivo e inclusivo. Venturini et al. (2024) identificaram que a busca por bons resultados competitivos constitui um dos fatores relacionados à motivação para a prática esportiva entre estudantes, indicando que o caráter competitivo pode contribuir para o envolvimento com as modalidades. No presente estudo, embora não seja possível afirmar que a competição tenha aumentado diretamente o interesse das participantes pelo futsal, os relatos positivos indicam que experiências competitivas podem ser percebidas de maneira favorável pelas meninas.

A preferência por outras modalidades esportivas também apresentou informações relevantes para a compreensão da relação das estudantes com o futsal. Entre as respostas das participantes, o voleibol apareceu como uma modalidade de

destaque. No 6º ano, 6 das 17 estudantes (35,3%) indicaram o voleibol, enquanto no 7º ano foram 8 das 16 (50%). Ao justificarem suas preferências, as estudantes mencionaram diferentes fatores, como o gosto pessoal, a influência dos meninos e a percepção de que determinadas modalidades seriam mais fáceis.

A preferência pelo voleibol pode ser compreendida também a partir de aspectos históricos e culturais relacionados à construção social das modalidades esportivas. Freitas Junior e Pereira (2017) apontam que a preferência esportiva não é determinada exclusivamente por escolhas individuais, mas também está relacionada aos significados construídos socialmente em torno das diferentes práticas corporais. Historicamente, determinadas modalidades esportivas foram associadas a características socialmente atribuídas ao masculino ou ao feminino. No caso do futebol e de modalidades como o futsal, a força, o contato físico e a competitividade foram frequentemente relacionadas à masculinidade, enquanto a participação das mulheres nessas práticas foi atravessada por preconceitos e representações que questionavam sua feminilidade (Goellner, 2005).

Dessa maneira, a maior aproximação das meninas com o voleibol pode estar relacionada tanto ao gosto pessoal quanto às experiências e representações sociais construídas em torno dessas modalidades. Ao justificarem suas preferências, as estudantes mencionaram diferentes fatores, como o gosto pessoal, a influência dos meninos e a percepção de que determinadas modalidades seriam mais fáceis. Essa relação entre preferência esportiva e questões de gênero também é observada por Burch, Scherer e Moraes (2025), que identificaram que algumas meninas associavam o futebol a um esporte predominantemente masculino e agressivo, evidenciando a permanência de estereótipos que podem interferir na aproximação das meninas com a modalidade

Esse aspecto é relevante para compreender as respostas das estudantes que consideraram o voleibol uma prática "mais fácil". A percepção de facilidade pode estar relacionada às experiências anteriores das meninas e às expectativas sociais sobre quais práticas seriam mais adequadas para elas. Assim, a preferência pelo voleibol não deve ser interpretada simplesmente como uma rejeição ao futsal, mas como resultado de um conjunto de experiências, oportunidades e representações construídas ao longo da trajetória das estudantes. No caso do 6º ano, a pequena diferença entre as preferências pelo futsal e pelo voleibol demonstra, inclusive, que as

meninas apresentam interesse pela modalidade, mas esse interesse pode ser influenciado pelas condições em que o futsal é vivenciado.

Ao serem questionadas sobre a existência das mesmas oportunidades para meninas e meninos praticarem futsal na escola, as respostas apresentaram percepções distintas entre as turmas. No 6º ano, 11 das 17 alunas (64,7%) consideraram que as meninas possuem as mesmas oportunidades que os meninos, enquanto 6 (35,3%) responderam negativamente. No 7º ano, 7 das 16 alunas (43,8%) responderam afirmativamente, 5 (31,3%) negativamente e 4 (25,0%) apresentaram respostas que não permitiram uma classificação direta. As estudantes do 6º ano relacionaram a desigualdade principalmente à dificuldade de inclusão das meninas durante os jogos, enquanto as do 7º ano apresentaram relatos mais relacionados a episódios de humilhação, exclusão e falta de incentivo. Esses resultados indicam que as desigualdades percebidas pelas estudantes não estão restritas à oferta da modalidade, mas também envolvem a forma como as meninas são recebidas e tratadas durante sua participação.

Souza Júnior e Darido (2002) reforçam essa perspectiva ao discutirem que as oportunidades destinadas às meninas podem ser diferentes daquelas oferecidas aos meninos, resultado de um processo de transmissão cultural que contribui para a reprodução de preconceitos e desigualdades. Dessa forma, quando as meninas possuem menos oportunidades de vivenciar o futebol e o futsal ou encontram maiores dificuldades para participar, cria-se uma sequência de experiências que pode contribuir para sua exclusão e para a diminuição da motivação em relação à modalidade.

A influência dos meninos durante a prática do futsal foi outro aspecto de destaque nos resultados. No 6º ano, as participantes relataram que os meninos "falam mal", "não deixam as meninas jogarem" e apresentam comportamentos desrespeitosos durante as atividades. No 7º ano, essa influência negativa mostrou-se ainda mais evidente, com relatos de xingamentos, comentários preconceituosos, exclusão durante os jogos e críticas à capacidade das meninas de jogar futsal. Expressões como "eles nos desmotivam", "falam que somos ruins" e "há muito preconceito porque somos meninas" apareceram de maneira recorrente nas respostas.

Nesse sentido, a preferência de algumas participantes por jogar apenas com outras meninas não devem ser interpretada simplesmente como uma resistência à convivência com os meninos, mas também como uma possível consequência das experiências de desrespeito, exclusão e desvalorização vivenciadas durante as atividades. Quando as meninas encontram dificuldades para participar dos jogos, recebem críticas ou têm suas habilidades questionadas, a prática entre elas pode representar um ambiente de maior segurança, confiança e liberdade para experimentar a modalidade. Oliveira, Ricci e Marques (2022) também identificaram que o sentimento de pertencimento ao grupo e as oportunidades oferecidas pela escola são fatores importantes para o envolvimento das meninas com o futsal. Continuando com Altmann (1998) sobre aulas mistas que se oferece a oportunidade da vivência de atividades de forma cooperativa, o desafio está em fazer com que essa convivência aconteça de maneira respeitosa e igualitária, e não apenas reunir meninos e meninas no mesmo espaço sem considerar as relações que se estabelecem durante a prática

Esses relatos evidenciam que as relações estabelecidas entre os estudantes podem influenciar diretamente a experiência das meninas com o futsal. A modalidade pode ser reconhecida pelas estudantes como uma prática de interesse, mas as experiências negativas vivenciadas durante sua participação podem interferir na vontade de continuar praticando. Essa realidade também pode ser compreendida a partir do processo histórico de construção das desigualdades de gênero no esporte. Souza e Santos (2026) destacam que o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, estabeleceu restrições à participação feminina em determinadas práticas esportivas consideradas incompatíveis com a condição das mulheres. Embora essa legislação tenha sido superada, as concepções historicamente construídas sobre quais práticas seriam adequadas para homens e mulheres podem continuar sendo reproduzidas socialmente, contribuindo para a permanência de determinadas ideias de masculinidade e feminilidade no esporte.

Nesse contexto, a ideia de que os meninos possuem maior liberdade para serem competitivos, agressivos ou ocupar o espaço central dos jogos pode contribuir para que as meninas sejam mais expostas a críticas quando cometem erros. Consequentemente, situações de desrespeito, exclusão e desvalorização podem

fazer com que as estudantes deixem de perceber o futsal como um espaço em que também possuem legitimidade para participar.

No que se refere ao incentivo oferecido pela escola. No 6º ano, 8 das 17 estudantes (47,1%) declararam estar “Muito satisfeitas” e outras 5 (29,4%) “Parcialmente satisfeitas”. No 7º ano, nenhuma das 16 participantes declarou estar “Muito satisfeita”; 6 (37,5%) permaneceram “Nem satisfeitas, nem insatisfeitas”, 4 (25%) estavam “Insatisfeitas” e 3 (18,8%) “Muito insatisfeitas”.

Oliveira, Ricci e Marques (2022) evidenciam que o futsal feminino enfrenta dificuldades de reconhecimento e legitimação tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. As participantes de seu estudo destacaram a falta de atenção e reconhecimento da modalidade, além da existência de maior incentivo ao futsal masculino, incluindo a realização de torneios interclasses destinados apenas aos meninos. Os autores também destacam o papel da escola como espaço de construção de disposições e gostos esportivos, uma vez que ela possibilita e valoriza determinadas práticas às quais as estudantes podem não ter acesso em outros espaços.

Assim, a percepção menos favorável apresentada pelas estudantes do 7º ano pode indicar que a oferta de oportunidades e o incentivo institucional são elementos importantes para a aproximação das meninas com o futsal. Não se trata apenas de disponibilizar a modalidade, mas de criar condições para que as estudantes possam vivenciá-la de maneira contínua, segura e valorizada, incluindo atividades, competições e espaços de participação que contribuam para a legitimação do futsal feminino no ambiente escolar.

A influência dos colegas também apresentou resultados importantes, no 6º ano, 8 das 16 respondentes (50%) concordaram ou concordaram totalmente que a opinião dos colegas influencia sua vontade de jogar futsal. No 7º ano, foram 7 das 16 estudantes (43,8%). Entretanto, quando questionadas sobre a possibilidade de participar de mais atividades de futsal por vontade própria, no 6º ano, 9 das 17 estudantes (52,9%) responderam “Sempre” ou “Frequentemente”, enquanto no 7º ano foram 5 das 16 (31,3%). A diferença foi de 21,6 pontos percentuais.

As relações entre colegas, entretanto, não apresentam apenas efeitos negativos. Oliveira, Ricci e Marques (2022) identificaram a importância da rede de apoio formada por meninas que eram amigas e participavam da equipe de futsal

feminino de uma escola. Segundo os autores, algumas estudantes convidavam suas amigas para participar dos treinos e, a partir dessas relações, foi possível constituir uma equipe. Nesse contexto, a amizade mostrou-se um importante elemento de incentivo e aproximação com o futsal. Dessa maneira, os resultados do presente estudo permitem compreender que os colegas podem atuar tanto como barreiras quanto como facilitadores da participação feminina, dependendo das relações estabelecidas no ambiente escolar.

O professor de educação física também constitui um elemento fundamental nesse processo, uma vez que suas decisões podem influenciar as oportunidades de participação oferecidas às estudantes. No 6º ano, a maioria das participantes afirmou perceber que o professor incentiva mais a participação dos meninos, 15 das 17 estudantes (88,2%) fizeram essa avaliação. Apenas uma estudante considerou que o professor incentiva mais as meninas, enquanto outra afirmou que ele não interfere na participação dos alunos. No 7º ano, embora a percepção de favorecimento aos meninos ainda esteja presente, com seis respostas nessa categoria, a opção predominante foi "Não interfere na participação dos alunos", assinalada por nove estudantes, 6 das 16 estudantes (37,5%) afirmaram que o professor incentiva mais os meninos, enquanto 9 (56,3%) responderam que ele não interfere na participação dos alunos e apenas 1 (6,3%) afirmou que incentiva igualmente meninas e meninos. Apenas uma participante considerou que o professor incentiva igualmente meninas e meninos.

Esses resultados merecem atenção, principalmente porque a ausência de uma intervenção direta do professor não significa necessariamente que a participação esteja ocorrendo de maneira igualitária. Em situações nas quais os meninos dominam o jogo, excluem as meninas, realizam críticas ou questionam sua capacidade, a ausência de intervenção pedagógica pode permitir que essas relações permaneçam. Nesse sentido, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) destacam a presença de conflitos relacionados às questões de gênero nas aulas de educação física e a importância de abordá-los pedagogicamente, em vez de simplesmente evitá-los. Portanto, o professor possui papel importante não apenas no incentivo explícito à participação das meninas, mas também na organização das equipes, na distribuição das oportunidades, na intervenção diante de comportamentos excludentes e na

construção de um ambiente em que meninas e meninos possam participar de maneira mais equilibrada.

Conforme Santos e Hirota (2012), o professor deve favorecer a participação de todos os estudantes, deixando de lado questões relacionadas ao gênero e estimulando também o interesse das meninas pelo futsal. Dessa forma, a atuação docente pode contribuir para reduzir diferenças de participação e proporcionar experiências mais inclusivas e igualitárias. Nesse sentido, a intervenção pedagógica pode ser fundamental para romper com situações em que as meninas ocupam posições secundárias durante os jogos e para possibilitar que elas desenvolvam maior confiança e identificação com a modalidade.

Essa discussão também pode ser compreendida a partir dos critérios utilizados para determinar quem participa efetivamente das práticas esportivas. Santos et al. (2014) evidenciam que a diminuição da participação das meninas está relacionada às relações sociais de gênero e à forma como as práticas esportivas são conduzidas nas aulas, destacando que as habilidades masculinas acabam sendo utilizadas como referência para o desempenho esportivo. Em diálogo com essa perspectiva, Duarte e Mourão (2007) apontam que os critérios de seleção utilizados em aulas mistas podem favorecer os alunos que apresentam maior domínio técnico, contribuindo para que as meninas ocupem posições menos privilegiadas durante as atividades. Dessa maneira, garantir a participação feminina no futsal exige mais do que permitir que as meninas estejam presentes no jogo: é necessário que a prática pedagógica questione os critérios de seleção e desempenho que podem produzir situações de exclusão e ofereça condições para que diferentes níveis de experiência sejam considerados no processo de aprendizagem.

De modo geral, a análise do Grupo I evidencia diferenças importantes entre as estudantes do 6º e 7º ano em relação à vivência e à percepção sobre o futsal. As estudantes do 6º ano apresentaram uma relação mais positiva com a modalidade, demonstrada pela maior preferência pelo futsal, pela predominância de experiências positivas e pela maior disposição para participar de novas atividades. Também apresentaram uma percepção mais favorável em relação à prática dentro da escola e ao apoio recebido da escola, porém negativa em relação ao professor.

Em contrapartida, as estudantes do 7º ano apresentaram uma relação mais marcada por experiências negativas, relatos de exclusão, preconceito, humilhação e

desmotivação. Além disso, demonstraram uma percepção menos favorável quanto ao incentivo oferecido pela escola e maior dúvida em relação à participação em novas atividades de futsal, além da pouca efetividade do professor em incentivar as alunas ao esporte. Esses resultados não permitem afirmar que o avanço escolar seja, por si só, responsável pela diminuição do interesse pela modalidade. Entretanto, sugerem que as experiências acumuladas durante a trajetória escolar, juntamente às relações estabelecidas com colegas, professores, família e com a própria modalidade, podem influenciar a maneira como as estudantes percebem e se relacionam com o futsal.

Nesse sentido, a análise do Grupo I reforça que compreender a participação feminina no futsal escolar exige considerar não apenas o interesse das estudantes pela modalidade, mas também as condições sociais e pedagógicas que favorecem ou dificultam sua permanência."

4.2 ANÁLISE DO GRUPO II

Ao analisar as respostas das estudantes do Grupo II, composto por meninas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, observa-se que a prática do futsal fora do ambiente escolar permanece no mesmo nível encontrado no grupo I. No 8º ano, 6 das 10 estudantes (60%) responderam 'Raramente' e 3 (30%) responderam 'Nunca'. No 9º ano, 10 das 24 (41,7%) responderam 'Raramente' e 6 (25%) responderam "Nunca". Apesar da baixa frequência de prática extracurricular, o futsal foi apontado como esporte favorito por seis estudantes do 9º ano, enquanto nenhuma estudante do 8º ano indicou a modalidade como sua preferida, as 6 estudantes do 9º ano representam 25% das meninas que responderam o questionário, enquanto as 10 estudantes do 8º ano não apresentaram nenhuma escolha pelo futsal (0%). Em ambos os anos, entretanto, o voleibol apresentou maior preferência, com oito respostas no 8º ano e 14 no 9º ano, essas respostas correspondem a 80% das estudantes do 8º ano e 58,3% das estudantes do 9º ano.

Esses resultados indicam que a baixa frequência de prática do futsal fora da escola não significa necessariamente ausência de interesse pela modalidade. A presença do futsal entre as preferências das estudantes do 9º ano demonstra que algumas meninas possuem identificação com a prática, mesmo sem vivenciá-la de forma frequente em outros espaços. Dessa maneira, é importante diferenciar o

interesse pela modalidade das oportunidades efetivamente disponíveis para sua prática. Conforme discutido por Souza e Santos (2026), as experiências e oportunidades oferecidas às meninas ao longo de sua trajetória podem influenciar sua aproximação ou afastamento das práticas esportivas. Assim, a pouca prática extracurricular pode estar relacionada não apenas à preferência individual, mas também às condições de acesso, incentivo e experiências construídas fora do ambiente escolar.

A predominância do voleibol também merece atenção. No Grupo II, a preferência pela modalidade foi ainda mais expressiva entre as estudantes do 9º ano, o que demonstra que a aproximação com o voleibol permanece presente mesmo entre as estudantes mais velhas. Essa preferência pode ser compreendida a partir dos significados sociais atribuídos historicamente às diferentes modalidades esportivas. Freitas Junior e Pereira (2017) discutem como o futebol, enquanto prática historicamente associada ao universo masculino, pode carregar representações relacionadas à masculinidade, força e competitividade. Em contrapartida, modalidades como o voleibol podem ser percebidas pelas meninas como espaços mais próximos de suas experiências e socialmente mais aceitos para sua participação. Dessa forma, a preferência pelo voleibol não deve ser interpretada apenas como uma escolha individual, mas também como resultado das experiências e representações sociais que acompanham as modalidades esportivas.

Quanto à percepção sobre jogar futsal na escola, as estudantes do Grupo II apresentaram uma avaliação predominantemente positiva, principalmente no 9º ano, no 8º ano, 5 das 10 estudantes (50%) avaliaram a prática como “Bom” ou “Ótimo”. No 9º ano, foram 17 das 24 estudantes (70,8%), uma diferença de 20,8 pontos percentuais entre os anos, enquanto no 9º ano houve predominância da resposta “Bom”, seguida de “Ótimo”. Esse resultado demonstra uma percepção mais favorável da prática escolar entre as estudantes mais velhas, aspecto que se diferencia dos resultados encontrados no Grupo I, especialmente entre as estudantes do 7º ano.

A avaliação positiva do futsal dentro da escola é relevante porque demonstra que a modalidade não é necessariamente rejeitada pelas estudantes. Pelo contrário, quando questionadas especificamente sobre a prática no ambiente escolar, muitas apresentam uma percepção favorável. Isso reforça a compreensão de que o afastamento do futsal não pode ser explicado simplesmente pela falta de interesse

das meninas. O ambiente em que a prática ocorre, as relações estabelecidas durante as atividades e as oportunidades oferecidas podem interferir diretamente na forma como a modalidade é percebida. Nesse sentido, Kunz (2006) defende que o esporte desenvolvido na escola não deve ser reduzido à reprodução das práticas esportivas tradicionais, mas precisa ser compreendido e transformado pedagogicamente de modo a possibilitar experiências significativas para diferentes estudantes.

Em relação ao primeiro contato com o futsal, a escola e a família apareceram novamente como importantes espaços de aproximação com a modalidade. No 8º ano, foram identificadas principalmente experiências positivas, inclusive relacionadas à participação junto a familiares. No 9º ano, a influência familiar tornou-se ainda mais evidente, com relatos envolvendo pais, irmãos e primos. Esse resultado chama atenção porque demonstra que, entre as estudantes mais velhas, a família continua desempenhando papel relevante na construção das experiências esportivas.

A presença de pais, irmãos e primos nos relatos demonstra que o contato com o futsal pode ocorrer por meio das relações cotidianas e das experiências compartilhadas no ambiente familiar. Zavatto Junior e Vasconcelos (2022) destacam que o apoio familiar pode contribuir para o protagonismo feminino nas aulas de educação física. Dessa maneira, quando a família oferece oportunidades de contato e incentivo, pode contribuir para que a estudante desenvolva maior familiaridade com a modalidade. Ao mesmo tempo, conforme apontam Souza e Santos (2026), as concepções familiares sobre quais práticas seriam mais adequadas para meninas também podem funcionar como elementos limitadores.

Ao analisar o sentimento das estudantes em relação à prática do futsal junto aos meninos, observa-se que o desconforto permanece presente no Grupo II. No 8º ano, cinco das dez participantes (50%) discordaram ou discordaram totalmente da afirmação de que se sentem bem jogando com os meninos. No 9º ano, esse número foi de 13 das 24 estudantes (54,2%), enquanto seis (25%) concordaram ou concordaram totalmente. Esses resultados demonstram que, mesmo diante de uma avaliação mais positiva do futsal escolar em outros aspectos, a presença dos meninos ainda interfere na sensação de conforto de parte das estudantes durante as atividades.

Essa percepção também ajuda a compreender a preferência manifestada por algumas participantes em jogar com outras meninas. Essa escolha não deve ser

interpretada simplesmente como uma resistência à interação com os meninos, mas pode estar relacionada às experiências de desrespeito, exclusão e desvalorização vivenciadas durante os jogos. Quando enfrentam dificuldades para participar, recebem críticas ou têm suas habilidades questionadas, as meninas podem encontrar nas equipes femininas um ambiente de maior segurança, confiança e liberdade para experimentar e desenvolver suas habilidades. Nesse sentido, Oliveira, Ricci e Marques (2022) destacam que o sentimento de pertencimento ao grupo e as oportunidades de participação oferecidas no ambiente escolar são fatores importantes para o envolvimento das meninas com o futsal.

Por outro lado, é importante considerar a contribuição das aulas mistas para a construção de relações mais igualitárias entre os gêneros. Altmann (1998) aponta que esse formato possibilita a vivência de atividades compartilhadas e cooperativas entre meninos e meninas, favorecendo a interação e a convivência. Entretanto, para que essas experiências sejam efetivamente inclusivas, não basta que ambos ocupem o mesmo espaço durante as aulas; é necessário que tenham oportunidades reais de participação e que suas capacidades sejam respeitadas. Dessa forma, a organização de equipes femininas pode representar uma estratégia para fortalecer a confiança e o protagonismo das meninas, enquanto as atividades mistas podem contribuir para a construção de relações mais cooperativas. O desafio para o professor está em reconhecer as necessidades das estudantes e organizar diferentes experiências de aprendizagem, sem transformar a separação ou a mistura dos grupos em uma regra fixa, mas utilizando essas possibilidades de maneira pedagógica para garantir uma participação mais respeitosa e igualitária.

Esse resultado evidencia que uma percepção positiva da modalidade não significa necessariamente que as estudantes se sintam igualmente confortáveis em todas as situações de prática. As experiências relacionadas às relações de gênero podem modificar a maneira como as meninas vivenciam o jogo. Jesus e Devide (2006) destacam que a simples presença conjunta de meninos e meninas não caracteriza, por si só, uma prática coeducativa. Para que exista uma participação efetivamente compartilhada, é necessário que as relações estabelecidas durante as atividades sejam problematizadas e que sejam criadas condições para que todos possam participar de maneira respeitosa.

Nesse sentido, a permanência de respostas negativas relacionadas à prática conjunta com os meninos demonstra que a igualdade de acesso à modalidade não garante automaticamente igualdade nas experiências. As estudantes podem ter a oportunidade de jogar, mas ainda assim vivenciar insegurança, pressão, críticas ou situações de exclusão

No que se refere à participação em competições, no 8º ano, 2 das 10 estudantes (20%) relataram participação em competições, enquanto 8 (80%) não participaram. No 9º ano, 14 das 24 estudantes (58,3%) relataram já ter participado, enquanto 10 (41,7%) não tiveram essa experiência. As participantes que já participaram caracterizaram essas experiências como divertidas, prazerosas e relacionadas ao aprendizado e à convivência com as colegas. Esses relatos indicam que, quando as estudantes têm acesso à competição em condições positivas, ela pode ser compreendida não apenas como busca por resultados, mas também como espaço de socialização, aprendizagem e construção de experiências significativas.

Esse resultado dialoga com Venturini et al. (2024), que identificaram a motivação relacionada à prática esportiva entre estudantes, incluindo elementos vinculados à competição e à busca por bons resultados. Entretanto, no presente estudo, os relatos das estudantes demonstram que o aspecto competitivo não aparece isoladamente. A diversão, a convivência e o aprendizado também fazem parte da experiência relatada pelas participantes. Dessa forma, as competições podem representar uma estratégia de aproximação com o futsal feminino quando organizadas de maneira inclusiva e capazes de proporcionar experiências positivas.

Ao serem questionadas sobre os motivos pelos quais muitas meninas preferem o voleibol ao futsal, as respostas apresentaram diferenças entre os anos. No 8º ano, destacaram-se principalmente a influência dos meninos, o machismo e o preconceito, além da preferência pessoal pela modalidade. No 9º ano, o gosto pessoal e a identificação com o voleibol apareceram com maior frequência. Entretanto, as atitudes dos meninos continuaram presentes nas respostas, demonstrando que as relações de gênero ainda são percebidas como elementos capazes de influenciar a escolha esportiva.

Essa diferença entre os anos é relevante porque demonstra que as estudantes do 9º ano parecem explicar a preferência pelo voleibol de maneira mais relacionada ao gosto e à identificação pessoal, enquanto as estudantes do 8º ano apresentam

maior associação entre a preferência e as relações de gênero. Isso não significa que as estudantes mais velhas estejam livres das influências sociais, mas pode indicar que suas escolhas esportivas também estão relacionadas às experiências acumuladas e à construção de preferências ao longo da trajetória escolar.

Burch, Scherer e Moraes (2025) identificaram que algumas meninas associam o futebol a um esporte predominantemente masculino e agressivo, e isso conversa diretamente com respostas encontradas no questionário, onde na percepção das meninas os meninos são “brutos e cavalos”, evidenciando que os estereótipos de gênero podem interferir na aproximação feminina com a modalidade. Dessa forma, quando as estudantes do Grupo II mencionam machismo, preconceito e influência dos meninos para explicar a preferência pelo voleibol, suas respostas podem ser compreendidas como manifestações de representações sociais que ultrapassam a simples escolha entre duas modalidades.

Em relação às oportunidades de participação, observa-se uma mudança importante quando os resultados do Grupo II são comparados aos encontrados no Grupo I. No 8º ano, 6 das 10 alunas (60,0%) responderam afirmativamente, 2 (20,0%) negativamente, 1 (10,0%) apresentou resposta ambígua e 1 (10,0%) não respondeu. Já no 9º ano, 12 das 24 alunas (50,0%) responderam afirmativamente, 9 (37,5%) negativamente, 2 (8,3%) apresentaram respostas ambíguas e 1 (4,2%) não respondeu. Dessa maneira, as estudantes do Grupo II apresentam uma percepção mais favorável em relação à igualdade de oportunidades quando comparadas às estudantes do Grupo I.

Essa mudança é significativa para a compreensão da trajetória das estudantes ao longo dos anos escolares. Enquanto no Grupo I predominou uma percepção de desigualdade de oportunidades, no Grupo II a maioria das participantes reconhece que meninas e meninos possuem possibilidades semelhantes de acesso ao futsal. Esse resultado pode indicar mudanças na forma como as estudantes percebem o espaço escolar e as oportunidades oferecidas, embora não permita afirmar que a desigualdade tenha sido completamente superada.

Isso fica evidente quando os resultados sobre oportunidades são comparados às respostas referentes às atitudes dos meninos. Embora a maioria das estudantes do Grupo II reconheça a existência de oportunidades semelhantes, grande parte também relata influência negativa dos meninos durante a prática. No 8º ano, oito das

dez participantes apontaram esse tipo de influência, enquanto no 9º ano foram 19 das 24 estudantes. Isso corresponde a 80% das estudantes do 8º ano e 79,2% das estudantes do 9º ano, uma diferença de apenas 0,8 ponto percentual. As respostas mencionaram preconceito, xingamentos, exclusão, agressividade, pressão durante os jogos e a ideia de superioridade masculina.

Essa aparente contradição constitui um dos resultados do Grupo II. As estudantes reconhecem que possuem oportunidade de jogar, mas muitas ainda relatam dificuldades relacionadas à forma como essa participação ocorre. Portanto, os resultados sugerem que a igualdade formal de oportunidades não necessariamente corresponde a uma igualdade nas experiências vivenciadas durante a prática. As meninas podem ter acesso à quadra e à modalidade, mas continuar enfrentando comportamentos que dificultam sua participação plena.

Oliveira, Ricci e Marques (2022) encontraram situação semelhante ao investigarem a participação de meninas no futsal escolar, destacando dificuldades de reconhecimento e legitimação da modalidade feminina e situações nas quais as meninas precisavam lidar com a predominância masculina. Os autores também evidenciaram a importância das redes de apoio entre as próprias estudantes, demonstrando que as relações sociais construídas no ambiente escolar podem tanto dificultar quanto favorecer a participação feminina.

A influência negativa dos meninos identificada no Grupo II também pode ser relacionada às discussões de gênero apresentadas por Altmann (2011). A autora demonstra que as relações estabelecidas nas aulas de educação física podem reproduzir determinadas expectativas sobre meninos e meninas, inclusive quando os comportamentos relacionados à habilidade esportiva são associados ao masculino. Dessa forma, situações nas quais os meninos questionam a capacidade das meninas ou ocupam posições de maior centralidade durante os jogos podem contribuir para a manutenção de diferenças na participação.

Quanto ao incentivo oferecido pela escola ao futsal feminino, o Grupo II apresentou uma percepção predominantemente positiva. No 8º ano, metade das participantes afirmou estar muito satisfeita com o incentivo recebido, 5 das 10 estudantes (50%). No 9º ano, essa percepção foi ainda mais expressiva, com nove estudantes declarando estar muito satisfeitas, 9 das 24 estudantes (37,5%). Apesar da presença de respostas neutras e de algumas manifestações de insatisfação, os

resultados indicam uma avaliação mais favorável do incentivo escolar entre as estudantes mais velhas.

Essa percepção positiva também representa uma mudança em relação ao Grupo I, principalmente quando comparada ao 7º ano, no qual não houve nenhuma estudante que se declarou muito satisfeita com o incentivo oferecido pela escola. Os resultados podem indicar que as experiências escolares das estudantes mais velhas possibilitaram uma percepção mais favorável das oportunidades oferecidas pela instituição.

Entretanto, é importante considerar que a avaliação positiva do incentivo escolar não elimina os obstáculos presentes nas relações entre os estudantes. A escola pode oferecer oportunidades e demonstrar interesse pelo futsal feminino e, ainda assim, determinadas práticas e relações entre os alunos podem produzir situações de exclusão. Por esse motivo, o incentivo institucional deve estar acompanhado de ações pedagógicas que promovam respeito, participação e igualdade nas experiências esportivas.

Rizzo, Nascimento e Zaim-de-Melo (2021) ressaltam justamente a importância da escola como espaço de inclusão social por meio do futsal feminino. A escola pode contribuir para ampliar as possibilidades de participação das meninas ao oferecer condições para que elas vivenciem a modalidade de maneira sistemática. Dessa forma, os resultados do Grupo II, especialmente a maior satisfação com o incentivo escolar, reforçam a importância da instituição como espaço de acesso e valorização do futsal feminino.

Sobre a influência da opinião dos colegas na vontade de jogar futsal, observa-se outra diferença em relação ao Grupo I. No 8º ano, predominou a discordância, com quatro estudantes afirmando discordar totalmente e duas discordando. No 9º ano, essa tendência foi ainda mais evidente, com sete respostas em “Discordo totalmente” e seis em “Discordo”. Assim, as estudantes do Grupo II apresentam maior tendência a afirmar que a opinião dos colegas não determina sua vontade de praticar futsal.

Esse resultado pode indicar uma maior autonomia das estudantes mais velhas em relação à opinião dos colegas. Enquanto no Grupo I a influência dos colegas apareceu de maneira mais significativa sobre a vontade de participar, no Grupo II as estudantes demonstraram maior independência nesse aspecto. Entretanto, isso não significa que as relações entre colegas deixaram de exercer influência. As próprias

respostas referentes às atitudes dos meninos demonstram que comportamentos negativos continuam presentes e podem afetar a experiência durante a prática, mesmo que as estudantes afirmem que a opinião dos colegas não determina sua vontade de jogar.

Essa diferença é importante porque permite compreender que a influência dos colegas pode ocorrer de maneiras distintas. Uma estudante pode não deixar de querer praticar futsal por causa da opinião dos colegas, mas ainda assim sentir-se desconfortável, pressionada ou desmotivada diante de comportamentos negativos durante o jogo. Portanto, a autonomia declarada pelas estudantes do Grupo II não elimina a necessidade de intervenção diante de situações de preconceito, exclusão ou desrespeito.

Ao serem questionadas sobre a possibilidade de participar de mais atividades de futsal caso pudessem escolher livremente, as respostas do Grupo II apresentaram maior distribuição. No 8º ano, houve equilíbrio entre respostas positivas, neutras e negativas. No 9º ano, a alternativa “Às vezes” foi a mais frequente representando 37,5% das 24 participantes, com nove respostas, seguida por “Sempre” e “Nunca”, com cinco respostas cada. Esses dados indicam que existe interesse pela modalidade entre parte das estudantes, mas esse interesse não é uniforme.

Essa distribuição reforça uma característica observada ao longo da análise: as estudantes não apresentam uma relação homogênea com o futsal. Algumas demonstram interesse e disposição para participar, enquanto outras apresentam menor identificação com a modalidade. Portanto, não seria adequado interpretar a menor prática do futsal feminino como consequência de uma falta generalizada de interesse das meninas. A participação parece ser resultado da combinação entre preferência individual, experiências anteriores, oportunidades de prática, relações sociais e condições oferecidas no ambiente escolar.

Nesse sentido, Malvar e Souza Junior (2021) demonstram que a participação das meninas no futsal escolar envolve processos de adaptação e convivência com uma modalidade historicamente marcada pela predominância masculina. A experiência escolar pode, portanto, contribuir para ampliar a participação feminina quando oferece condições para que as estudantes desenvolvam confiança, pertencimento e identificação com a prática.

Por fim, a percepção sobre a atuação do professor apresentou uma das diferenças mais marcantes entre os dois grupos. No 8º ano, no 8º ano, 7 das 10 estudantes (70%) afirmaram que o professor incentiva igualmente meninas e meninos. No 9º ano, essa resposta foi indicada por 22 das 24 estudantes (91,7%), uma diferença de 21,7 pontos percentuais entre os dois anos. Apenas uma estudante afirmou que o professor incentiva mais os meninos e uma afirmou que ele não interfere na participação dos alunos.

Esse resultado representa uma mudança importante em relação ao Grupo I. Enquanto entre as estudantes mais novas apareceu uma percepção mais frequente de incentivo maior aos meninos, no Grupo II predomina uma percepção de atuação igualitária do professor. Essa diferença pode indicar que, na percepção das estudantes mais velhas, a intervenção docente contribui de maneira mais efetiva para garantir oportunidades semelhantes de participação.

Entretanto, essa percepção deve ser analisada em conjunto com os demais resultados. Mesmo com 22 das 24 estudantes do 9º ano afirmando que o professor incentiva igualmente meninas e meninos, 19 dessas mesmas estudantes relataram influência negativa dos meninos durante a prática. Isso demonstra que a atuação docente percebida como igualitária não necessariamente impede que situações de preconceito, exclusão ou pressão ocorram entre os estudantes.

Portanto, o papel do professor não deve ser compreendido apenas como aquele que oferece oportunidades iguais para meninos e meninas, mas também como mediador das relações estabelecidas durante as práticas corporais. Santos e Hirota (2012) destacam a importância da atuação docente para estimular a participação das meninas no futsal e possibilitar experiências mais inclusivas. Da mesma forma, Altmann (2011) demonstra que as práticas pedagógicas podem interferir nas relações de gênero estabelecidas nas aulas de educação física. Assim, uma atuação docente efetivamente comprometida com a igualdade precisa envolver tanto a oferta de oportunidades quanto a intervenção diante de comportamentos que dificultem a participação feminina.

Os resultados relacionados ao professor também podem ser compreendidos a partir dos critérios utilizados na organização das aulas e na distribuição das oportunidades de participação. Duarte e Mourão (2007) discutem que os critérios de seleção em aulas mistas podem favorecer estudantes que apresentam maior domínio

técnico, situação que pode contribuir para colocar as meninas em posições menos privilegiadas quando os meninos apresentam maior experiência esportiva. Dessa maneira, mesmo quando o professor é percebido pelas estudantes como alguém que incentiva igualmente a participação, é necessário observar como as equipes são formadas, como os tempos de jogo são distribuídos e quais critérios são utilizados para determinar quem participa efetivamente das atividades.

De modo geral, a análise do Grupo II evidencia uma relação com o futsal marcada por características diferentes daquelas observadas no Grupo I. As estudantes do 8º e 9º anos apresentam uma percepção mais positiva da prática escolar, maior reconhecimento da igualdade de oportunidades e uma avaliação mais favorável do incentivo oferecido pela escola. Além disso, no 9º ano, o futsal aparece como modalidade favorita para seis estudantes, demonstrando que, mesmo diante da predominância do voleibol, existe identificação com o futsal entre parte das participantes.

Ao mesmo tempo, os resultados demonstram que a percepção positiva do ambiente escolar não elimina as dificuldades relacionadas às relações de gênero. A influência negativa dos meninos permanece expressiva, especialmente no 9º ano, com 19 das 24 participantes relatando experiências dessa natureza. Assim, observa-se novamente que o acesso à modalidade e a percepção de igualdade de oportunidades não garantem, por si só, que a experiência das meninas seja plenamente igualitária.

Outro aspecto de destaque é a percepção sobre a atuação do professor. No Grupo II, principalmente entre as estudantes do 9º ano, predomina a compreensão de que o docente incentiva igualmente meninas e meninos. Esse resultado se diferencia daquele encontrado no Grupo I e pode indicar uma percepção de maior equilíbrio na atuação pedagógica entre as estudantes mais velhas. Entretanto, a permanência de relatos negativos sobre os meninos demonstra que a atuação docente continua sendo necessária não apenas para garantir o acesso, mas também para mediar as relações e construir um ambiente de respeito.

Dessa forma, os resultados do Grupo II permitem compreender que o avanço para os anos finais do Ensino Fundamental não produz uma relação linear com o futsal. Por um lado, as estudantes mais velhas demonstram maior percepção de igualdade de oportunidades, maior satisfação com o incentivo da escola e uma

avaliação mais positiva da atuação do professor. Por outro, continuam presentes obstáculos relacionados à influência dos meninos, ao preconceito, aos xingamentos, à exclusão e ao desconforto durante a prática conjunta.

Assim, quando os resultados dos Grupos I e II são considerados em conjunto, observa-se que a participação feminina no futsal escolar é influenciada por múltiplos fatores. No Grupo II, a existência de oportunidades e a percepção positiva da escola parecem favorecer uma relação mais próxima com a modalidade, mas as experiências vivenciadas durante os jogos demonstram que ainda existem barreiras relacionadas às relações de gênero. Portanto, os resultados apontam que promover a participação feminina no futsal exige não apenas disponibilizar a modalidade às estudantes, mas garantir que elas possam participar de maneira ativa.

Em síntese, o Grupo II demonstra que as estudantes do 8º e 9º ano apresentam maior percepção de igualdade e melhores avaliações de alguns aspectos do ambiente escolar quando comparadas ao Grupo I, especialmente em relação ao incentivo da escola e à atuação do professor. Entretanto, a permanência de relatos de preconceito e influência negativa dos meninos evidencia que a igualdade de oportunidades ainda não significa necessariamente igualdade nas experiências. Nesse sentido, a escola e o professor de educação física assumem papel fundamental na construção de práticas que não apenas permitam a presença das meninas no futsal, mas que também garantam condições para que elas se reconheçam como participantes legítimas da modalidade.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de alunas dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sua participação no futsal escolar, considerando suas experiências, interesses, oportunidades de participação e fatores relacionados à continuidade ou ao afastamento da prática, buscando compreender como essa percepção se apresenta entre as diferentes etapas do Ensino Fundamental II.A partir das respostas de 67 estudantes da Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga, foi possível identificar que a relação das meninas com o futsal não é determinada exclusivamente pela preferência individual pela modalidade, mas é construída a partir de um conjunto de experiências, oportunidades, relações sociais e

condições pedagógicas vivenciadas ao longo da trajetória escolar. Nesse sentido, os resultados demonstram que a participação feminina no futsal é atravessada por questões de gênero que podem tanto favorecer quanto dificultar a aproximação das estudantes com a modalidade.

A comparação entre os grupos evidenciou diferenças importantes. Entre as estudantes do 6º e 7º anos, especialmente no 6º ano, foi identificada uma relação inicialmente mais positiva com o futsal, com maior preferência pela modalidade, maior ocorrência de experiências positivas e maior disposição para participar de novas atividades. Entretanto, entre as estudantes do 7º ano apareceram com maior frequência relatos de exclusão, preconceito, humilhação, desmotivação e menor percepção de incentivo por parte da escola. Esses resultados sugerem que o afastamento do futsal pode estar relacionado às experiências acumuladas durante a trajetória escolar, não sendo possível atribuí-lo simplesmente à idade ou à falta de interesse das meninas.

Por outro lado, as estudantes do 8º e 9º anos apresentaram uma percepção mais positiva de alguns aspectos relacionados ao futsal escolar. Nesse grupo, houve maior reconhecimento de que meninas e meninos possuem oportunidades semelhantes, maior satisfação com o incentivo oferecido pela escola e uma percepção mais favorável sobre a atuação do professor, principalmente entre as estudantes do 9º ano. Além disso, algumas alunas demonstraram identificação com o futsal, mesmo diante da predominância do voleibol como modalidade preferida. Entretanto, os resultados também evidenciaram que a melhoria na percepção das oportunidades não significa a superação das desigualdades nas experiências, uma vez que a influência negativa dos meninos, incluindo situações de preconceito, exclusão, xingamentos e pressão durante os jogos, permaneceu expressiva, especialmente entre as estudantes do 9º ano.

Dessa forma, um dos principais achados desta pesquisa é a diferença entre ter acesso ao futsal e sentir-se efetivamente incluída na modalidade. Os dados demonstram que a simples disponibilização da prática ou a existência de oportunidades semelhantes para meninas e meninos não garante uma experiência igualitária. As relações estabelecidas durante os jogos, a forma como as equipes são organizadas, a distribuição das oportunidades e as atitudes dos colegas interferem diretamente na maneira como as estudantes vivenciam o futsal. Assim, a igualdade

formal de acesso precisa ser acompanhada de uma igualdade nas condições de participação, de modo que as meninas possam ocupar a quadra, desenvolver suas habilidades, participar das decisões e reconhecer-se como protagonistas da prática esportiva.

Nesse contexto, o professor de educação física assume papel fundamental. Os resultados indicam uma mudança na percepção das estudantes sobre a atuação docente entre os grupos, especialmente pela maior percepção de incentivo igualitário entre as alunas do 8º e 9º anos. Contudo, a permanência de relatos de comportamentos negativos dos meninos demonstra que a atuação do professor não deve se limitar à oferta de oportunidades iguais. É necessário também mediar as relações entre os estudantes, intervir diante de situações de preconceito e exclusão, organizar as equipes e os tempos de participação de maneira democrática e desenvolver estratégias pedagógicas que valorizem diferentes níveis de experiência e habilidade. Dessa maneira, a educação física escolar pode contribuir para questionar a associação histórica do futsal ao universo masculino e ampliar as possibilidades de participação feminina.

Também se destaca a importância da família, da escola e das relações entre as próprias estudantes na construção da relação com o futsal. Os resultados demonstraram que família e escola aparecem como importantes espaços de primeiro contato com a modalidade, enquanto as amizades podem funcionar tanto como suporte quanto como barreira à participação. Portanto, promover o futsal feminino no ambiente escolar exige uma ação que ultrapasse a aula propriamente dita, envolvendo a valorização da modalidade, a oferta de experiências positivas, a criação de espaços de participação e competição e o fortalecimento de redes de apoio entre as estudantes.

Assim, diante da questão de pesquisa, conclui-se que as percepções das alunas sobre sua inclusão no futsal escolar se modificam ao longo do Ensino Fundamental II, mas essa mudança não ocorre de maneira linear. As estudantes mais novas demonstraram, em determinados aspectos, maior aproximação inicial com a modalidade, enquanto as mais velhas apresentaram percepções mais favoráveis quanto às oportunidades, ao incentivo escolar e à atuação docente. Entretanto, em ambos os grupos permaneceram barreiras relacionadas às relações de gênero, principalmente aquelas produzidas pela predominância masculina durante as práticas.

Portanto, os resultados reforçam que o desafio da inclusão feminina no futsal não consiste apenas em aumentar a participação das meninas, mas em transformar as condições em que essa participação acontece.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar a reflexão sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física e sobre a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam as meninas como participantes legítimas do futsal escolar. Os resultados também indicam a importância de novas pesquisas que investiguem diferentes contextos escolares, outras faixas etárias e as percepções de professores e estudantes do sexo masculino, possibilitando uma compreensão mais ampla das relações que interferem na participação feminina. No contexto investigado, promover uma educação física mais inclusiva significa garantir que o futsal seja compreendido não como um espaço predominantemente masculino, mas como uma prática corporal pertencente a todos os estudantes, independentemente de gênero, experiência ou nível de habilidade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. **Senado Notícias**, Brasília, DF, 4 ago. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao. Acesso em: 23 jun. 2026.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/4e7dc58e-6af2-4aec-bdc1-00aebffdf1c3. Acesso em: 29 set. 2026.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491–501, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200012. Acesso em: 30 maio 2026.

ANDRADE, Rodolfo Marques Alves. **Educação Física Escolar: o futsal feminino, uma proposta de intervenção**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/camaras-tecnicas-e-comissoes/conep/legislacao/resolucoes/resolucao-no-510-de-07-de-abril-de-2016. Acesso em: 29 set. 2026.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid. Acesso em: 1 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/. Acesso em: 1 out. 2026.

BURCH, Martina; SCHERER, Rebeca; MORAES, Fabrício da Cunha. Educação física escolar e futebol feminino: fatores que afastam meninas da prática esportiva. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 17, n. 6, p. e8650, 2025. DOI: https://doi.org/10.55905/cuadv17n6-074. Disponível em: https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8650. Acesso em: 21 ago. 2026.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Cultura escolar e práticas sociais: episódios cotidianos da vida escolar e a transição para a adolescência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 369–380, 2009.

COSTA, Andrize Ramires; KUNZ, Elenor. Render e produzir no esporte: rendimento obrigatório ou rendimento necessário? **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 2, 2012. DOI: https://doi.org/10.5902/231654648241. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8241. Acesso em: 29 set. 2026.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Douglas Silveira. **A importância do futsal nas aulas de Educação Física escolar**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/server/api/core/bitstreams/9419220f-9676-46bb-b9ee-328612ce7683/content. Acesso em: 1 out. 2026.

DIAS, Ernandes Gonçalves; MISHIMA, Silvana Martins. **Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação.** Revista Sustinere, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 402–411, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.71828. Acesso em: 17 de out de 2026.

DUARTE, Catia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de Adolescentes Femininas sobre os Critérios de Seleção Utilizados para a Participação em aulas Mistas de Educação. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 13, n. 1, p. 37–56, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2924. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2924. Acesso em: 6 out. 2026.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREITAS, Alessandro de; MONTEIRO, Rui Anderson Costa. Participação nas aulas de educação física escolar e a respectiva relação de gênero na prática de futsal. **RCNCD-Plurais**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 178–195, 2021. Disponível em: https://www.dialogosplurais.periodikos.com.br/article/6193ae0da9539528e95b0714. Acesso em: 29 set. 2026.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de; PEREIRA, Marcela Caroline. O gênero feminino na prática futebolística da educação física escolar: os reflexos do habitus sexista. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 22, n. 230, 2017. Disponível em: https://efdeportes.com/efd230/o-genero-feminino-na-pratica-futebolistica.htm. Acesso em: 29 set. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, feminina e maternal: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143–151, abr./jun. 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, p. 45–52, 2013. DOI: https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X2013173405. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPWMhS/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

HAERTEL, BIANCA. O gênero nas aulas de educação física: uma experiência em escola de ensino médio da cidade de São Carlos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11., 2013. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2013. Disponível em: https://docplayer.com.br/28974377-O-genero-nas-aulas-de-educacao-fisica-uma-experiencia-em-escola-de-ensino-medio-da-cidade-de-sao-carlos.html. Acesso em: 29 set. 2026.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123–140, set./dez. 2006. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.2912. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2912. Acesso em: 29 set. 2026.

JORAS, Pamela; JAEGER, Angelita Alice. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013. v. 10, p. 1–14.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino & mudanças**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/399792365/TRANSFORMACAO-DIDATICO-PEDAGOGICA-DO-ESPORTE-ELENO-KUNS. Acesso em: 29 set. 2026.

LEITE, E. A. O esporte na escola: sua realidade e possibilidade de mudanças. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 14, n. 142, 2010.

MALVAR, Antonio Jorge Martins; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 5, n. 1, p. 106–122, 2021. DOI: https://doi.org/10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122. Disponível em: https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122. Acesso em: 29 set. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300164/mod_resource/content/1/MC2019%20Marconi%20Lakatos-met%20cient.pdf. Acesso em: 29 set. 2026.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **O esporte e o ídolo das origens: desvelando a constituição do futsal.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 22, 2019. DOI: https://doi.org/10.5216/rpp.v22.51413. Disponível em: artigo completo. Acesso em: 6 nov. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9–29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIANI, Fábio Franceschini; NAVARRO, Antonio Coppi. A influência do futsal na coordenação óculo-pedal em escolares de 8 a 10 anos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97–102, 2009. Disponível em: https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/pt/article/view/12/20. Acesso: em 29 set. 2026.

OLIVEIRA, Flavia Volta Cortes de; RICCI, Christiano Streb; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Desafios e oportunidades para a participação no futsal escolar extracurricular: percepções de alunas do ensino médio. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, e20200059, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-6248-2020-0059. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/j6XFgjvLwyShqqQ8QW4hJRB/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

PEREIRA, Paloma; NOGUEIRA, Neicy; SILVA, Andreza; TRINDADE, Patrícia. Percepções dos pibidianos de Educação Física sobre a participação das alunas no futsal na Escola Estadual Gentil Belém. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE – CONENORTE, 2024. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conenort/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV204_MD1_ID2703_TB1169_25042024233155.pdf. Acesso em: 23 jun. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; NASCIMENTO, Nádia Cabanhas do; ZAIM-DE-MELO, Rogério. A escola e o futsal feminino: uma questão de inclusão social. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 26, n. 283, p. 64–79, 2021. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/2381. Acesso em: 23 jun. 2026.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (org.). **Gênero plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 33–46.

SAMPEDRO, J. **Futbol sala - las acciones del juego: análisis metodológico de los sistemas de juego**. Madrid: Editorial Gymnos, 1997.

SANTOS, Paulo Sergio Moreira dos; HIROTA, Vinicius Barroso. Futsal na Educação Física escolar: a participação das meninas. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 17, n. 167, abr. 2012.

SANTOS, Verônica Freitas dos; VIEIRA, Aline Oliveira; MELLO, André da Silva; SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos. Educação física e o processo de escolarização: uma análise sob a perspectiva do aluno. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 25, n. 4, p. 539–553, 2014. DOI: https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i4.23566. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/23566. Acesso em: 29 set. 2026.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SOUZA, Bruno Macedo; SANTOS, Kênia Souza dos. Meninas na Educação Física escolar: uma análise das causas e reflexões sobre seus impactos. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 36, n. 71, p. e18, 2026. DOI: https://doi.org/10.18675/1981-8106.v.36.n.71.s18603. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/18603. Acesso em: 21 ago. 2026.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2002. Disponível em: https://ludopedio.org.br/biblioteca/a-pratica-do-futebol-feminino-no-ensino-fundamental/. Acesso em: 29 set. 2026.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Meninas e futsal: um estudo sobre questões de gênero na Educação Física da escola e para além de seus muros**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

VENTURINI, Gabriela Rezende de Oliveira; MAZINI FILHO, Mauro Lúcio; CASTRO, Juliana Brandão Pinto de; JESUS, Hudson Rodrigues de; SOUZA, Renato Siqueira de; FREITAS, Jefferson Verbena de; SILVA, Nádia Souza Lima da. Motivação para a prática de esportes na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 38, e38185517, 2024. DOI:

https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2024e38185517. Disponível em: https://revistas.usp.br/rbefe/pt_BR/article/view/185517. Acesso em: 29 set. 2026.

WESTIN, Ricardo. Por mais de 40 anos, as brasileiras foram proibidas de jogar futebol. **Agência Senado**, Brasília, DF, 4 ago. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/por-mais-de-40-anos-as-brasileiras-foram-proibidas-de-jogar-futebol. Acesso em: 23 jun. 2026.

ZAVATTO JUNIOR, Pedro; VASCONCELOS, Valéria. Relações de gênero na educação física escolar: contribuições da educação popular. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 102–114, 2022. DOI: 10.29181/2594-6463-2022-v6-n2-p102-114. Disponível em: https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2022-v6-n2-p102-114. Acesso em: 12 out. 2026.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO: PERCEPÇÃO DE ALUNAS SOBRE A INCLUSÃO DO FUTSAL ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS GRUPOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MAESTRO BENTO MOSSURUNGA

Este questionário faz parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura em Educação Física, desenvolvida por João Paulo Martins Mika. A pesquisa busca compreender como alunas do Ensino Fundamental II percebem o futsal escolar, investigando suas experiências, opiniões e sentimento em relação à modalidade ao longo da trajetória escolar.

O objetivo é identificar fatores que aproximam ou afastam as meninas do futsal, bem como compreender como as relações vivenciadas na escola podem influenciar sua participação nessa prática esportiva.

Sua participação é voluntária, as respostas serão anônimas e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Não existem respostas certas ou erradas; o mais importante é que você responda de forma sincera, compartilhando suas experiências e percepções.

Agradeço sua colaboração e participação nesta pesquisa.

1. Em que ano escolar você está:

( ) 6° ANO
( ) 7° ANO
( ) 8° ANO
( ) 9° ANO

2. Você pratica o futsal fora da escola?

( ) Nunca
( ) Raramente
( ) Ocasionalmente
( ) Frequentemente
( ) Muito frequentemente

3. Qual esporte você mais gosta de praticar?

( ) Vôlei
( ) Futsal
( ) Basquete
( ) Handebol
Outro:

4. O que você acha de jogar futsal na escola?
( ) Muito Ruim
( ) Ruim
( ) Regular
( ) Bom
( ) Ótimo

5. Como foi seu primeiro contato com o futsal?

6. Você se sente bem praticando o futsal junto com os meninos na escola?
( ) Discordo
( ) Discordo totalmente
( ) Indeciso
( ) Concordo
( ) Concordo totalmente

7.Você já jogou alguma competição de futsal? se sim, como foi?

8. Na sua opinião, por que muitas meninas demonstram mais interesse por modalidades como o voleibol do que pelo futsal?

9. Na sua opinião, as meninas têm as mesmas oportunidades que os meninos para jogar futsal na escola? Por quê?

10. Como a presença e as atitudes dos meninos influenciam a participação das meninas no futsal escolar?

11. De acordo com o nível de incentivo da escola ao futsal feminino, você está:

( ) Muito Insatisfeita

( ) Insatisfeita

( ) Nem satisfeita, nem insatisfeita

( ) Parcialmente satisfeita

( ) Muito satisfeita

12. A opinião dos colegas influencia minha vontade de jogar futsal.

( ) Discordo totalmente

( ) Discordo

( ) Indecisa

( ) Concordo

( ) Concordo totalmente

13. Se pudesse escolher livremente, você escolheria participar de mais atividades de futsal na escola?

( ) Nunca

( ) Raramente

( )Ás vezes

( ) Frequentemente

( ) Sempre

14. Quando há futsal na educação física, o(a) professor(a):

( ) Incentiva a participação de todos igualmente

( ) Incentiva mais a participação de meninas

( ) Incentiva mais a participação de meninos

( ) Não interfere na participação dos alunos

APÊNDICE B- TERMO DE ASSENTIMENTO: TÍTULO DO PROJETO: PERCEPÇÃO DE ALUNAS SOBRE A INCLUSÃO DO FUTSAL ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS GRUPOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO BENTO MOSSURUNGA

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: João Paulo Martins Mika - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

EQUIPE DE PESQUISA: Prof. Dr. Érica Fernanda de Paula Visbiski - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

LOCAL DA PESQUISA: Escola Estadual Maestro Bento Mossurunga

INFORMAÇÃO À DIREÇÃO E DOCUMENTO DE ASSENTIMENTO

O (a) estudante está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, de uma pesquisa de caráter exploratório, desenvolvida para fins acadêmicos e científicos, vinculada à elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com acompanhamento e orientação de professor(a) orientador(a) responsável.

A participação ocorrerá por meio de atividades e/ou coleta de informações relacionadas ao tema da pesquisa, respeitando integralmente os princípios éticos da pesquisa científica.

Ressalta-se que a participação é totalmente voluntária, podendo o (a) participante desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo acadêmico, pessoal ou institucional. Garantimos que todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Nenhum nome, imagem ou dado que permita a identificação dos participantes será divulgado no projeto, preservando-se integralmente o sigilo e a confidencialidade das informações fornecidas. Este documento é apresentado em duas vias, sendo uma destinada ao (à) responsável/participante e outra aos pesquisadores responsáveis pelo estudo. Em caso de dúvidas, os pesquisadores e o (a) professor(a) orientador(a) estarão disponíveis para os devidos esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa.

PROPÓSITO DO ESTUDO

Queremos compreender como as alunas percebem sua participação no futsal escolar ao longo do Ensino Fundamental II, identificando fatores que incentivam ou dificultam seu envolvimento na modalidade. Essas informações poderão contribuir para a promoção de práticas esportivas mais inclusivas no ambiente escolar.

SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para participar, você deve:

a) Ter interesse em participar da pesquisa;

b) Ter o consentimento dos pais ou responsáveis, se for menor de 18 anos;

c) Estar regularmente matriculado na escola-teste.

d) Estar cursando o 6o, 7o, 8o ou 9o ano do Ensino Fundamental II.

MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

Coleta e análise de dados por meio de revisão de literatura e aplicação de questionários com alunas do Ensino Fundamental II.

DESCONFORTOS E RISCOS

Os riscos da participação nesta pesquisa são mínimos. Algumas perguntas podem fazer a participante lembrar de experiências relacionadas ao futsal escolar ou às aulas de Educação Física, o que pode causar leve desconforto. Além disso, algumas alunas podem sentir vergonha ou insegurança ao expressar suas opiniões. A participação é voluntária e a participante poderá deixar de responder qualquer pergunta ou interromper sua participação a qualquer momento, sem prejuízo algum.

BENEFÍCIOS

A pesquisa ajudará a compreender como as alunas percebem sua participação no futsal escolar ao longo do Ensino Fundamental II. Os resultados poderão auxiliar professores e escolas a promoverem maior inclusão, participação e interesse das meninas nas práticas esportivas, especialmente no futsal.

SIGILO E PRIVACIDADE

A identidade das participantes será mantida em sigilo e nenhuma informação será divulgada fora da equipe de pesquisa. Na apresentação dos resultados, os nomes das participantes não serão citados.

RESSARCIMENTO

Não haverá custos para participar da pesquisa e não haverá pagamento de ressarcimento.

CONTATO

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com o Acadêmico João Paulo Martins Mika pelo telefone (42) 999604024 ou pelo e-mail: 23012247@uepg.br.

CERTIFICADO DE ASSENTIMENTO

Após ter sido esclarecido sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, eu aceito que o(a) aluno(a): participe da pesquisa.

Data: 10/06/2026.

(Assinatura do responsável)

RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na

elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante ou responsável.

Data: 10/06/2026.

(PESQUISADOR DA EQUIPE RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO)